

---

Dossiê: Dossiê História Digital: tecnologia e fazer historiográfico  
entre teoria e prática

<http://doi.org/10.34019/2594-8296.2024.v30.43129>

***Poésie Grande Guerre: como a história digital desafiou cânones no  
centenário da Primeira Guerra mundial\****

***Poésie Grande Guerre: How Digital History Challenged Canons during the First World  
War Centenary***

***Poésie Grande Guerre: cómo la historia digital desafió los cânones durante el centenario  
de la Primera Guerra Mundial***

Julia Ribeiro S. C. Thomaz\*\*

<https://orcid.org/0009-0006-8804-8798>

RESUMO: Diante da exclusão da poesia francesa da Primeira Guerra mundial da periodização literária, da historiografia e da memória coletiva, o projeto *Poésie Grande Guerre* se serviu da efervescência científica dos anos do centenário (2024-2018) para criar uma base de dados pública, relacionando poetas, produções literárias e experiências da guerra. Rejeitando a ideia de estabelecer um cânone análogo ao que existe nos países de língua inglesa, essa base de dados se inspira nas abordagens *big data* e da linguística de corpus para oferecer uma visão geral da poesia da Grande Guerra como uma categoria social que descreve uma prática cultural difusa. Examinando *Poésie Grande Guerre* desde a sua construção, e principalmente o engajamento em torno desse projeto nas redes sociais, o presente artigo se divide em três partes. A primeira, consagrada à historiografia, demonstra como a poesia foi excluída das duas primeiras configurações da historiografia da Primeira Guerra mundial na França e como, apesar de ser aceita na configuração mais recente, o elemento digital fornecido pelo centenário foi o catalisador para um estudo desse corpus. A segunda parte, teórica, examina como iniciativas digitais de inscrevem em um movimento mais amplo de questionamento não só de cânones específicos mas também da canonização em geral. Finalmente, a terceira parte, de natureza prática, demonstra como os processos de construção do

---

\* Pesquisa financiada pela Bourse Gerda Henkel (Historial de la Grande Guerre) e pelo Prix d'Études des Mondes Contemporains (Association Amis de la Contemporaine).

\*\* Doutora em literatura francesa pela Université Paris Nanterre e em história pela École des Hautes Études en Sciences Sociales, trabalhando sobre funções e usos da poesia durante a Primeira Guerra mundial. Atualmente é pesquisadora visitante na Digital Humanities Hub da School of Advanced Study – University of London. Publicou no *Journal of War and Culture Studies* e em *Matériaux pour l'histoire de notre temps* e faz parte do comitê editorial de *First World War Studies*. [juliarscthomaz@gmail.com](mailto:juliarscthomaz@gmail.com).

modelo de dados e de engajamento com o público nas redes sociais foram, mais do que uma técnica ao serviço da produção de um conhecimento que lhe seria externo, fundamentais para pensar a poesia da Grande Guerra. Assim, o estudo argumentará que ferramentas digitais desafiam os cânones literários e historiográficos, e movem portanto, a historiografia da Primeira Guerra mundial em direção a uma poética histórica verdadeiramente pública e interdisciplinar.

Palavras-chave: Poesia. Primeira Guerra mundial. Literatura. História. Base de Dados.

ABSTRACT: Faced with the exclusion of French poetry of the First World War from literary periodisation, from historiography and from collective memory, the *Poésie Grande Guerre* Project took advantage of the scientific effervescence of the centenary years (2014-2018) to publish an online database relating poets, literary productions and war experiences. Rejecting the idea of establishing a canon analogous to the English one, the database takes inspiration from big data and corpus linguistic approaches, offering an overview of First World War poetry as a social category pointing towards a diffuse cultural practice. By examining *Poésie Grande Guerre* from its creation, and especially the engagement the project produces on social media, the present article is divided into three parts. The first one, dedicated to historiography, demonstrates how poetry was excluded from the two initial historiographical configurations of French studies of the Great War and how, despite being more accepted in the latest configuration, the digital element brought about by the centenary was the real catalyst for this corpus's study. The second part, more theoretical, examines how digital initiatives are part of a broader movement that questions not only individual canons but also the very processes of canonisation. Finally, the third part, of a practical nature, demonstrates how processes of data model construction and public engagement on social media were, more than a technique at the service of producing external knowledge, fundamental to the understanding of French poetry of the First World War. Thus, this study argues that digital tools defy literary canons and therefore move French historiography of the First World War towards a truly public and interdisciplinary historic poetics.

Keywords: Poetry. First World War. Literature. History. Database.

RESUMEN: Ante la exclusión de la poesía francesa de la Primera Guerra Mundial de la periodización literaria, de la historiografía y de la memoria colectiva, el proyecto *Poésie Grande Guerre* aprovechó la efervescencia científica del centenario (2014-2018) para publicar una base de datos en línea que relaciona a los poetas, las producciones literarias y las experiencias bélicas. Rechazando la idea de establecer un canon análogo al inglés, la base de datos se inspira en enfoques de *big data* y lingüística de corpus, ofreciendo una visión general de la poesía de la Primera Guerra Mundial como una categoría social que delimita una práctica cultural difusa. Al examinar *Poésie Grande Guerre* desde su creación, y especialmente el tráfico que genera el proyecto en las redes sociales, el presente artículo se divide en tres partes. La primera, dedicada a la historiografía, muestra cómo la poesía quedó excluida de las dos configuraciones historiográficas iniciales de los estudios franceses de la Gran Guerra y cómo, a pesar de ser más aceptada en la última configuración, el elemento digital propiciado por el centenario fue el verdadero catalizador para el estudio de este corpus. La segunda

parte, más teórica, examina cómo las iniciativas digitales son parte de un movimiento más amplio que cuestiona no sólo los cânones individuales sino también los propios procesos de canonización. Finalmente, la tercera parte, de carácter práctico, demuestra cómo los procesos de construcción de modelos de datos y de participación pública en las redes sociales fueron, más que una técnica al servicio de la producción de un conocimiento externo, fundamentales para la comprensión de la poesía francesa de la Primera Guerra Mundial. Así, este estudio sostiene que las herramientas digitales desafían los cânones literarios y mueven la historiografía francesa de la Primera Guerra Mundial hacia una poética histórica verdaderamente pública e interdisciplinaria.

Palabras clave: Poesía. Historia. Primera Guerra mundial. Literatura. Base de datos.

### Como citar este artigo:

Thomaz, Julia Ribeiro S. C. “Poésie Grande Guerre: como a história digital desafiou cânones no centenário da Primeira Guerra mundial”. *Locus: Revista de História*, 30, n. 1 (2024): 94-113.

\*\*\*

“Não existe poesia da Primeira Guerra mundial na França”. Essa é a visão que parece ter se consolidado ao longo do século XX. Em 1925, o poeta suíço e combatente na Legião Estrangeira do exército francês Paul Æschimann (1925, 58) afirmou que a guerra não teve a influência decisiva sobre a poesia francesa que alguns críticos queriam lhe atribuir. Três anos depois, Jean Norton Cru, crítico literário e também veterano da Grande Guerra, que iniciava um projeto de catalogação e avaliação das obras literárias produzidas por combatentes de 1914-1918 para ajudar historiadores do futuro, lamentou que, como a poesia contém mais valor literário do que documental, sua inclusão entre potenciais fontes históricas apresentaria mais inconvenientes que vantagens (Norton Cru 1993 [1928], 11). Em 1991, Ian Higgins, editor da *Anthology of First World War French Poetry* demonstrou que a poesia francesa da Primeira Guerra mundial não era lida pois o público estimava que não valia a pena lê-la (Higgins 1996, vii). Finalmente, o historiador da guerra Jay Winter argumentou que, enquanto nos países britânicos surgiram *war poets* (poetas de guerra), entendidos como um substantivo composto (ou seja, como uma população bem delimitada e com práticas que lhe são próprias), os outros países beligerantes produziram apenas poetas individuais que fizeram a escolha individual de escrever ou não sobre a guerra (Winter 2017, 94). A história da poesia francesa da Primeira Guerra mundial é uma história de esquecimento e de exclusão.

As comemorações do centenário da Grande Guerra entre 2014 e 2018 permitiram uma mudança nesse cenário graças, principalmente, ao componente público e digital da pesquisa histórica produzida durante esse período. Uma abordagem baseada em *big data* e que lançou mão

---

---

dos esforços de digitalização de arquivos financiados pela *Mission du Centenaire* (o órgão ministerial que geriu as comemorações na França) permitiu a identificação de milhares de poetas franceses que escreveram sobre ou combateram durante a Primeira Guerra mundial. As contribuições da história digital, contudo, vão além de simplesmente tirar essa poesia do esquecimento. Se, como vimos acima, Jay Winter argumentou que existe uma diferença gritante entre a exclusão da poesia de guerra na França e sua forte presença nos países anglófonos, essa oposição deve ser nuançada. A poesia dominante na Inglaterra foi escrita por uma dezena de poetas canônicos (cujos principais expoentes são Wilfred Owen e Siegfried Sassoon), cujos manuscritos e documentos pessoais foram digitalizados pelo *First World War Poetry Digital Archive*. A falta de diversidade nesse cânone, composto em sua maioria por homens brancos, de classe média, educados nas grandes escolas britânicas e em Oxford e Cambridge e que serviram como suboficiais durante a guerra, não representa as diferentes experiências da Primeira Guerra mundial (o projeto examinado no presente artigo multiplicou por mais de cem o número de poetas examinados para o caso francês, e permite acesso a dados como profissão e escolaridade, facilitando assim uma história baseada em perfis sociais mais diversos). Assim, a hipermnésia canônica dos poetas britânicos termina por distanciar história e literatura, que parecem querer estabelecer dois cânones diferentes e, às vezes, conflitantes: um baseado em representatividade histórica e outro baseado no valor literário das obras. A “tela em branco” do caso francês, onde não só um cânone não foi estabelecido mas onde a poesia foi excluída da periodização literária, da historiografia e da memória coletiva, abre a possibilidade de uma nova relação entre história e poesia, que não seja baseada em processos opostos de canonização. O presente artigo mostra como a história pública e digital ajudou a construir tal ponte entre história e literatura e a evitar processos de canonização da poesia durante o centenário da Primeira Guerra mundial na França.

Mais especificamente, esse estudo examinará o projeto de humanidades digitais *Poésie Grande Guerre*, que construiu e disponibilizou *online* uma base de dados ligando detalhes biográficos de poetas que escreveram durante ou sobre a Primeira Guerra mundial, suas eventuais experiências militares (apesar da base incluir também poetas civis) e suas produções literárias. Além disso, o artigo explorará a importância das redes sociais, e particularmente do X (antigo *Twitter*) para a *produsage* (produção de dados pelos usuários de projetos digitais – Bruns 2018) de dados que caracteriza não só *Poésie Grande Guerre* mas também a maior parte dos projetos de história pública digital o que, por sua vez, contribui para a dissolução de cânones. O artigo partirá da historiografia da Primeira Guerra mundial e dos três estágios pelos quais ela passou na França, abrindo caminho tanto para a história digital quanto para que a poesia pudesse ser vista como fonte e também como

---

objeto de estudo. Em seguida, ele abordará a teoria, demonstrando os problemas que o estabelecimento de cânones poéticos cria para uma relação interdisciplinar entre História e Literatura, bem como o potencial da história pública para combater esses processos de canonização. Finalmente, o artigo passará à prática dessa história pública e digital e examinará de perto o caso de *Poésie Grande Guerre* e sua relação com as redes sociais. Assim, o estudo argumentará que ferramentas digitais desafiam os cânones literários e historiográficos, e movem portanto a historiografia da Primeira Guerra mundial em direção a uma poética histórica verdadeiramente pública e interdisciplinar, que não depende de cânones e que conta com a *produsage* dos usuários para construir um corpo de textos que represente e contextualize as práticas poéticas do tempo da guerra.

### **Historiografia, ou a crônica de uma ressurreição inesperada**

Apesar dos números consideráveis de produção e circulação de poemas, coletâneas e antologias durante a Primeira Guerra mundial, o esquecimento dessa poesia, ilustrado pelas afirmações que abrem o presente estudo, não surpreende muito. Na realidade, a exclusão da poesia é condizente com as duas primeiras configurações da historiografia francesa da Grande Guerra. A primeira fase dessa evolução, que começa no período entre os dois conflitos mundiais, se dedicava principalmente à história militar (descrevendo batalhas específicas de um ponto de vista tático ou estratégico) e à história diplomática (examinando a crise do verão de 1914 e, na França, visando responsabilizar a Alemanha pela guerra). Esse período da historiografia pouco se importava com a experiência humana da guerra, apesar do interesse que o leitorado francês demonstrava ter por autobiografias, memórias, coletâneas de correspondências, romances e até poemas de guerra. Não eram somente as obras poéticas mas a literatura em geral que estava completamente fora do horizonte de interesses dos primeiros historiadores franceses a se dedicar à Grande Guerra.

Após a Segunda Guerra mundial, a historiografia do conflito precedente começa a se interessar pela história social, se alinhando às linhas de pesquisa de orientação marxista que dominavam as universidades francesas nos anos 1950 e 1960. Apesar do interesse pelas relações humanas em tempos de guerra e pelas formas de adaptação que estruturas sociais dos tempos de paz sofreram nas trincheiras, essa segunda configuração não foi mais indulgente com a poesia que a anterior. Jay Winter e Antoine Prost (2004) marcam o início dessa segunda geração pela obra *Vie et Mort des Français*, publicada em 1959 por veteranos da Primeira Guerra mundial. O prefácio dessa obra foi escrito pelo romancista de guerra Maurice Genevoix, cuja canonicidade e importância para a memória literária da Grande Guerra foi confirmada pelo seu sepultamento no Panthéon em Paris no fim das comemorações do centenário, colocando um veterano de guerra ao lado de nomes

---

---

como Victor Hugo e Jean Jacques Rousseau. O convite feito a Genevoix para escrever o prefácio de uma obra de história (e que é hoje reconhecida como o marco de uma mudança de paradigma) demonstra uma aproximação entre a historiografia da Primeira Guerra mundial em sua configuração social e a literatura. Contudo, o próprio Genevoix afirma que o público perdera o interesse pela literatura de guerra e preferia, no fim dos anos 1950, a história tradicional. Assim, apesar da presença de Genevoix, *Vie et Mort des Français* representa uma passagem sucessória, onde a responsabilidade pela memória da Primeira Guerra mundial passa dos atores e suas obras literárias para os historiadores e suas análises. História e literatura se aproximam somente para confirmar seu divórcio. A poesia, em compensação, continua completamente ausente do debate, como se a tensão entre literatura e a história social da segunda geração de pesquisadores franceses não lhe dissesse respeito.

Se é relativamente fácil compreendermos o porquê da exclusão da poesia dessas duas primeiras configurações historiográficas, já que existem fontes mais bem qualificadas para a descrição de batalhas ou de assuntos geopolíticos, bem como para uma história social, é interessante notar o espaço ocupado (ou não) pela poesia na terceira fase da historiografia francesa da Grande Guerra: a história cultural. Nos anos 1990, no crepúsculo do curto século XX, do qual a Primeira Guerra mundial pode ser vista como o evento inaugural, a principal preocupação dos historiadores era de recontextualizar 1914-18 face à morte dos últimos veteranos e reconhecer o conflito como o laboratório das violências de massa que se produziram nos anos subsequentes. Essa nova configuração historiográfica se interessa assim pela figura do combatente, suas experiências individuais e sensoriais e o papel que elas tiveram na “brutalização” (Mosse, 1999) das sociedades europeias. Segundo Élise Julien, nessa terceira fase da historiografia da Primeira Guerra mundial a preocupação central é com o papel do testemunho na historiografia e com a relação entre memória e história (Julien 2004, 53). Essas questões abrem os estudos sobre a Grande Guerra às fontes literárias, cujo caráter supostamente subjetivo e singular (Jenny, 1990) se converte numa vantagem para historiadores que se interessam precisamente pelas experiências individuais. Assim, a poesia poderia se integrar à terceira configuração da historiografia da Primeira Guerra mundial.

Inaugurado pela obra de George Mosse sobre a brutalização citada acima, o paradigma da história cultural da Grande Guerra se consolida com os trabalhos de Stéphane Audoin-Rouzeau e Annette Becker. Os poemas começam a aparecer, ainda que de forma tímida, nos trabalhos desses três pioneiros. George Mosse reconhece que os combates do fronte invadiram prosa e poesia e que esses textos seriam determinantes para a visão que contemporâneos e gerações futuras teriam da guerra (Mosse 1999, 8), inscrevendo a produção poética de 1914-1918 na continuidade dos poemas

---

---

da Guerra de Libertação Alemã (1813), que construíram uma consciência nacional não por recorrer à razão ou à lógica, mas por sua facilidade de memorização e reprodução (Mosse 1999, 27). Apesar disso, uma reflexão mais profunda sobre a poesia da Primeira Guerra mundial não foi incluída na obra de Mosse. Já no livro seminal *14-18 Retrouver la guerre*, entre testemunhos e correspondências, encontram-se letras de música escritas por Claude Debussy, bem como poemas escritos por Guillaume Apollinaire e Edmond Fleg, que ilustram a simbiose entre experiência individual da guerra e o repertório simbólico socialmente partilhado que define a cultura de guerra (Audoin-Rouzeau e Becker 2000, 145).

Na realidade, antes mesmo de ajudar a definir o paradigma da cultura de guerra, Stéphane Audoin-Rouzeau já havia afirmado que a poesia servia para descrever aquilo que era insustentável, para ajudar a tornar aceitáveis algumas atrocidades ou até mesmo para usar a forma poética para atenuar os horrores relatados (Audoin-Rouzeau 1986, 84-87). Em seu estudo sobre as formas de luto durante a guerra, Audoin-Rouzeau lança mão de uma abordagem micro-histórica para estudar os casos das poetisas Vera Brittain e Jeanne Catulle Mendès (Audoin-Rouzeau 2001), demonstrando assim que a poesia é uma fonte privilegiada para estudar o luto, um processo que foi repetido por Carine Trevisan no mesmo ano. Esses dois estudos sobre o luto fornecem ferramentas teóricas e metodológicas para pensarmos a relação entre poesia e historiografia da Primeira Guerra mundial em relação a outros aspectos da experiência da guerra e inauguram duas décadas de amadurecimento de um diálogo.

Os trabalhos subsequentes que exploram as fronteiras entre história e poesia foram diversos. Annette Becker, por exemplo, mostrou que revisitar a biografia de um dos poucos poetas da Primeira Guerra mundial que escaparam do esquecimento, Guillaume Apollinaire, a partir do paradigma da história cultural pode ser profícuo para esclarecer elementos biográficos e ligados à representação e à conduta da guerra, mas também para explorar o verdadeiro problema historiográfico de como reintroduzir os indivíduos nas análises culturais. Essa última questão também foi confrontada por Marion Carel e Dinah Ribard, que estudaram o poder de testemunho da poesia de Marc de Larréguy de Civrieux. Nos estudos literários, Laurence Campa foi a primeira pesquisadora a associar sua leitura literária e as questões da terceira configuração historiográfica da Primeira Guerra mundial em sua obra *Poètes de la Grande Guerre*. Com efeito, o estudo de Campa porta tanto sobre as obras poéticas quanto sobre as experiências de guerra dos cinco casos canônicos estudados. Entre historiadores, Nicoas Beaupré, herdeiro dos pioneiros da história cultural e que já havia incluído a poesia em seus estudos sobre as práticas literárias do tempo da guerra (*Écrits de guerre*) refletiu sobre as especificidades da poesia como fonte histórica sobre os

---

regimes de historicidade próprios à Primeira Guerra mundial (Beaupré 2013 e Beaupré 2021). Apesar desses trabalhos seminais e de extrema importância, historiadores não foram além do uso de poemas como fontes e os estudos literários não foram além das obras de poetas relativamente conhecidos e canônicos. As comemorações do centenário mudaram isso, e a próxima seção do presente artigo será consagrada a uma análise teórica de como, apesar dos avanços permitidos pela história cultural que levaram a uma certa ressurreição da poesia, processos de canonização impediram que essa prática saísse completamente das sombras e como os anos do centenário reuniram as condições perfeitas para que práticas de história pública digital completem essa evolução que já dura um século.

### **Teoria: *Faire taire les canons*<sup>1</sup>**

Se a historiografia da Primeira Guerra mundial evoluiu progressivamente numa direção que permitiu a inclusão da poesia, porque esses textos não foram objeto de um estudo sistemático antes das comemorações do centenário? A presente seção, cuja abordagem é principalmente teórica, levanta duas hipóteses para responder essa questão. A primeira delas é que, apesar dos avanços, nem a História nem a Literatura conseguiram se livrar dos processos opostos de canonização aos quais elas submeteram a poesia da Primeira Guerra mundial. A segunda é que as comemorações do centenário trouxeram consigo ferramentas e práticas da história pública e digital que permitiram, finalmente, o silenciamento da estrutura canônica.

Uma análise quantitativa de quatorze antologias poéticas publicadas entre 1915 e 1926 demonstra a dificuldade de identificar um cânone da poesia da Primeira Guerra mundial durante ou imediatamente após o conflito. O único poeta que aparece regularmente (e que, ainda assim, está presente em apenas seis das obras estudadas) é Théodore Botrel, dispensado do serviço militar em 1888 mas contratado pelo Exército em 1914 para percorrer o fronte cantando e recitando poemas. Botrel, contudo, não é um dos poetas associados à memória do primeiro conflito mundial no século XX. Essa leitura das antologias editadas pelos contemporâneos da guerra demonstra que não existia uma poesia canônica da Primeira Guerra mundial, mas sim várias poesias de guerra. E isso talvez não seja uma coisa ruim.

O espaço negativo deixado por esse não-cânone francês é acentuado, por contraste, quando comparado à *war poetry* (poesia de guerra) britânica, cuja importância para a memória coletiva está

---

<sup>1</sup> Em francês, a palavra “*canon*” designa tanto “canhão” quanto “cânone”. Assim, a polissemia do título da presente seção significa, portanto, “silenciar os cânones/canhões”, indicando a necessidade de ir além das hierarquizações de textos impostas tanto pelo contexto da guerra quanto pela busca por representatividade/valor literário por parte de historiadores e críticos literários, respectivamente.



---

diretamente ligada aos processos de canonização que fizeram do poema *Dulce et Decorum Est*, do poeta de guerra Wilfred Owen, o texto poético mais importante dos exames do ensino secundário na Inglaterra (Blake 2020). A observação do caso inglês permite ver como processos de canonização transformaram práticas literárias diversas em objetos culturais monolíticos e facilmente identificáveis, mas também como esses processos de redução a um cânone prejudicam a relação entre história e estudos literários. Ann-Marie Einhaus (2011) identifica não um mais dois cânones concorrentes da literatura da Primeira Guerra mundial: aquele estabelecido por críticos literários (e que engloba principalmente obras modernistas) e aquele dos historiadores culturais. Assim, apesar de considerar que a Grande Guerra é o evento por excelência cujo estudo e comemoração têm por base uma convergência entre história e literatura, Einhaus afirma que a existência desses dois cânones acaba por afastar estudos literários e estudos históricos. Portanto, um dos motivos pelos quais a poesia francesa da Primeira Guerra mundial não se tornou um objeto de estudo legítimo antes do centenário apesar dos avanços da história cultural está ligado ao fato de um tal estudo exigir uma abordagem verdadeiramente interdisciplinar, mas essa interdisciplinaridade é dificultada pela oposição entre o cânone que a crítica literária tenta estabelecer (os “melhores” poemas seriam aqueles que têm o melhor estilo ou são mais inovadores) e aquele dos historiadores (os “melhores” poemas seriam aqueles que melhor representam a experiência coletiva do evento histórico).

Além de aumentar a distância entre História e poesia, esses processos de canonização também apresentam problemas estruturais. A reflexão sobre o porquê de não estabelecer um cânone nos modelos da *war poetry* para o caso francês mas, ao contrário, preferir usar a poesia francesa como um laboratório permitindo evitar completamente as estruturas canônicas se inscreve no prolongamento das *canon wars* (guerras dos cânones) que começaram nas universidades estadunidenses nos anos 1980. Em 1988, quando alunos de Stanford questionaram não só a bibliografia mas a existência do curso “*Western Culture*” (Cultura Ocidental) por seu caráter etnocêntrico, dois campos se abriram: os defensores do cânone como tendo um alcance humanista e universal (essas obras seriam portanto um patrimônio de toda a humanidade) e aqueles que denunciavam a falta de diversidade étnica e de gênero desses textos fundadores. Intelectuais feministas, e principalmente Griselda Pollock, ofereceram uma terceira via: ao invés de tentar substituir o cânone masculino e branco por um cânone mais diverso, as *canon wars* oferecem uma oportunidade de questionar a estrutura canônica e as ideologias que nos forçam a escolher os “melhores” textos, que seriam dotados de valores estéticos tranhsitóricos.

---

Se o presente artigo é, em grande parte, tributário dessa leitura norte-americana dos processos de canonização, convém também examinar como cânones são construídos na França, pois nesse país a relação entre a nação e o cânone parece ainda mais explícita. “*Aux grands hommes la patrie reconnaissante*” [“Aos grandes homens, a pátria é grata] dizem as pedras claras do Panthéon de Paris, onde repousam os maiores nomes – os autores canônicos – da França. Naquele país, os textos canônicos (aqueles que são ensinados na escola e que integram a prestigiosa coleção *Bibliothèque de la Pléiade*) são mais comumente chamados “clássicos”. Antoine Compagnon (1998, 269) explica a evolução que tornou os dois termos sinônimos: na Antiguidade Clássica, o cânone era uma norma e as obras que a empregavam e que deviam, portanto ser imitadas. No medievo, a Igreja estabeleceu um cânone de livros divinamente inspirados e portanto dotados de autoridade. Esses dois modelos foram combinados no século XIX, quando escritores foram reconhecidos como os heróis das nações e dos nacionalismos recém-formados. Alçando autores nacionais ao panteão (e Panthéon) greco-latino, os cânones se tornam nacionais e, no caso da França, onde essa elevação das artes faz parte da laicidade e de sua definição como valor central da República, cânone e identidade nacional são indissociáveis. A tentação de estabelecer uma lista canônica para momentos marcantes da história da França (e da Primeira Guerra mundial em específico) é, portanto, grande. Apesar disso, um estudo sobre a poesia francesa da Primeira Guerra mundial que precisa se livrar dos cânones opostos para poder existir é também central para estabelecer a zona de fronteiras entre poesia e história como uma zona de questionamento não só de um cânone específico mas também da própria necessidade de canonização.

Apesar das claras vantagens teóricas de abordar a poesia da Primeira Guerra mundial do ponto de vista de um *corpus* heterogêneo de textos e não de um cânone hierarquizado – uma abordagem que se inscreve na continuação da evolução historiográfica do século XX –, as ferramentas e práticas que permitiriam essa abordagem só se desenvolveram durante o centenário da Grande Guerra. Com efeito, os anos de 2014-2018 foram um momento de grande efervescência par os estudos da Primeira Guerra mundial, mas também para as humanidades digitais e para a história pública digital. Segundo Frédéric Clavert, a grande marca do centenário é que essa foi a primeira comemoração nacional francesa na qual as principais mídias foram as redes sociais (Clavert 2016). Assim, durante o centenário, as práticas historiográficas puderam contar com a web não só para alcançar um público maior, mas também para transformar esse público em atores ativos da escrita da história, uma característica da história pública digital (Lucchesi 2014). Assim, o *Twitter* (atualmente *X*) se tornou uma plataforma central para uma comemoração construída através da colaboração entre historiadoras profissionais, amadoras e membros do público em geral. Em

---

---

paralelo a isso, durante os anos do centenário, vieram à tona vários projetos de digitalização e anotação de fontes, que se baseavam não só numa abordagem de *big data* que prioriza o acesso a uma grande quantidade de dados (como *Europeana 14-18*, que digitalizou mais de 400.000 documentos), mas também em esforços coletivos de indexação e anotação (como a iniciativa coletiva *Un jour un poilu*, que visava transcrever as 1.395.290 fichas de combatentes franceses mortos pela pátria durante a Grande Guerra). Com efeito, em 2023, com a conclusão da fase intermediária do projeto que viu seus primeiros resultados serem publicados, constatou-se que 683 poetas da Primeira Guerra mundial tinham experiência de combate, e que esses indivíduos haviam pertencido a, pelo menos, 450 unidades diferentes do exército francês. Ora, os registros militares de cada um desses 683 poetas é conservado nos arquivos do departamento (região administrativa francesa – existem mais de cem) onde ele se alistou, enquanto os diários regimentais, que permitem retrair o percurso de um regimento, são conservados no Serviço Histórico da Defesa em Paris. Uma pesquisa dessa envergadura, que exige a consulta dessas fontes, não seria viável em um contexto de precarização das ciências humanas se tais fontes não houvessem sido digitalizadas pelos arquivos departamentais e pela plataforma *Mémoire des Hommes* respectivamente, graças ao investimento da Missão do Centenário em projetos de humanidades digitais. Assim, a evolução historiográfica descrita acima, a necessidade teórica de se combater os processos de canonização e as práticas da história pública digital que a concebem como um locus privilegiado para a interdisciplinaridade e o diálogo (Lucchesi 2013) parecem ter convergido nos anos do centenário, permitindo enfim um ressurgimento da poesia da Primeira Guerra mundial, bem como um questionamento das práticas de canonização. Na próxima seção, examinaremos o projeto de humanidades digitais *Poésie Grande Guerre* e como ele fez aparecer um corpo de textos que fora esquecido durante um século sem para tal recorrer à hierarquização e à canonização.

### **Prática: *Poésie Grande Guerre***

O projeto *Poésie Grande Guerre*, dirigido por Laurence Campa na Université Paris Nanterre/Université Paris Lumières reúne pesquisadoras nas áreas de Letras, História e História da Arte, em diferentes estágios de suas carreiras acadêmicas (do mestrado a professoras titulares). O projeto tem por objetivo a criação, disponibilização e constante alimentação de uma base de dados de poetas franceses e francófonos da Primeira Guerra mundial. Esse objetivo, bastante ambicioso, depende diretamente do caráter colaborativo e interdisciplinar do projeto, cuja vocação é de reagrupar grandes quantidades de dados para constituir e valorizar um grande corpus de textos entendidos pela primeira vez como formando um todo (e não como um conjunto de produções individuais) delimitado pela intersecção entre escrita poética e experiência (civil ou militar) da

---

guerra, sem que a questão do valor das produções, que esse valor seja documental ou estético, seja um fator determinante para a inclusão ou não na base. Com efeito, representatividade e qualidade literária deixam de ser fatores explicativos e passam a integrar o fenômeno que a base visa a explicar. A abordagem não se pretende exaustiva, com a base crescendo a partir de recomendações dos próprios usuários (que serão discutidas abaixo), mas sim ampla: a definição de poesia adotada é social (é poeta toda pessoa socialmente reconhecida como tal) e, para facilitar comparações posteriores, a base não faz distinção entre combatentes e civis. Isso permite de responder a questionamentos que dificilmente seriam feitos em estudos monográficos sobre poetas individuais ou se o objetivo da base fosse estabelecer um cânone: porque poetas (tanto profissionais quanto amadores) escolheram dar forma poética aos seus pensamentos sobre a guerra? Quais são as diferenças entre prosa e poesia como meio para atribuir sentido à guerra? Que impactos guerra e poesia têm uma sobre a outra?

Assim, *Poésie Grande Guerre* demonstra que as humanidades digitais vão além de uma simples *techné* ao serviço de uma *épistémé* que a precede e que ela simplesmente permite alcançar de forma mais eficiente. As humanidades digitais fazem parte de uma reflexão que permitiu tirar a poesia da Primeira Guerra mundial do esquecimento pois elas oferecem novas maneiras de pensar, dentre as quais o presente artigo destaca *produsage* e a recusa de processos de canonização. Segundo David M. Berry,

Indeed, we could say that third-wave digital humanities points to the way in which digital technology highlights the anomalies generated in a humanities research project and which leads to the questioning of the assumptions implicit in such research, for example close reading, canon formation, periodisation, liberal humanism and so forth (Berry 2012, 5).

Isso significa que a história digital, e mais especificamente a abordagem prosopográfica da base de dados que representa a relação tridimensional entre poeta, guerra e poema, tudo isso em larga escala, fornecem um quadro para a convergência entre História e poesia a partir do estudo do corpus (que se opõe ao cânone) de poemas da Primeira Guerra mundial. Essa convergência se baseia nos diferentes graus de proximidade de análise permitidos pela história digital, pois a base de dados oferece um panorama geral da experiência que poetas tiveram da Primeira Guerra mundial, mas também permite uma leitura próxima de casos específicos, sejam eles representativos ou não.

Ao evitar os cânones, *Poésie Grande Guerre* evita também, portanto, uma visão reificada e hipostasiada da poesia, que implicaria a mobilização de noções abstratas do que é a poesia no geral e a poesia de guerra em específico. Isso levou a um corpus de textos de mais de 1.500 poetas, dos quais aproximadamente metade fez a guerra em um dos fronts. Nem todos esses poetas escreveram sobre o conflito, o que é um outro avanço na relação entre poesia e história

---

---

possibilitado pelo projeto *Poésie Grande Guerre*: contrariamente a um ego-documento ou até mesmo um romance, um poema não precisa falar da guerra para dizer algo sobre ela. Assim, abandonar a ideia de um cânone em favor da definição de um corpus constituído pela prática poética delimitada por uma definição social da poesia, o que é possibilitado pelo modo de pensar em grandes quantidades de dados oriundo do trabalho na base de dados, permite também de trabalhar com a categoria de “poetas de guerra sem poemas de guerra”, reconfigurando o pensamento sobre a poesia da Primeira Guerra mundial.

Na prática, isso significa *que Poésie Grande Guerre*, mais do que simples método, foi uma ferramenta heurística para transformar a forma como vemos a poesia. Como exprimiu Jay Winter (citado acima), a poesia francesa da Primeira Guerra mundial não é entendida como um todo, mas sim como uma coleção de poetas individuais, alguns dos quais escaparam ao esquecimento que virou a norma ao longo do século XX: Guillaume Apollinaire, Blaise Cendrars e Charles Péguy, por exemplo. A maior parte das obras sobre a poesia da Grande Guerra na França, mas também em outros países beligerantes, parece de fato se concentrar em um número restrito de poemas: Campa (2010), Parenteau (2014) e Collonges e Victoroff (2021), por exemplo. Por outro lado, a construção de uma base de dados prioriza uma visão mais geral da população de poetas e uma abordagem prosopográfica (uma biografia coletiva). Assim, a decisão de abordar a poesia da Primeira Guerra mundial não do ponto de vista de um cânone (como teria sido mais evidente, dada a proeminência do caso inglês) mas sim de um corpus não precede o trabalho com a base de dados. Ou seja, o raciocínio não foi “trabalhemos com um corpus, portanto com uma base de dados e uma metodologia prosopográfica”. Na verdade, a questão central de quem escreveu poesia durante a Primeira Guerra mundial levou à ideia da base de dados, mas foi o processo de listar nomes para incluí-los na base que trouxe à tona a distância entre os (raros) nomes retidos pela memória coletiva e pela história literária e a verdadeira dimensão da prática poética durante a Grande Guerra. Assim, isso levou a um questionamento de práticas de redução da literatura a alguns grandes nomes, o que direcionou as pesquisadoras de *Poésie Grande Guerre* às referências das *canon wars* e confirmou a escolha metodológica da base de dados, bem como a importância memorial de tornar esses dados disponíveis para o público em geral.

Essa vocação de larga escala também determinou as fontes históricas com as quais *Poésie Grande Guerre* se engajou. Apesar de uma lista exaustiva de todos os poetas que escreveram durante ou sobre a Primeira Guerra mundial ser um objetivo inalcançável, o processo de *Poésie Grande Guerre* passou a exigir uma análise das fontes usadas para encontrar poetas (particularmente a *Anthologie des écrivains morts à la guerre*, publicada entre 1924 e 1926, o *Bulletin des écrivains combattants*, um

---

periódico enviado gratuitamente aos escritores mobilizados, e a coleção de poesia da Primeira Guerra mundial da biblioteca e arquivo La Contemporaine) em termos não somente dos poetas que elas ajudaram a descobrir mas também em termos dos cânones que elas eram susceptíveis de produzir, para então buscar outras fontes capazes de equilibrar esses vieses. Uma das analogias fundadoras das humanidades digitais, que implementou a ideia de leitura distante, vem de Franco Moretti (2005 e 2013), que nos diz que literários devem construir modelos interpretativos que permitam ver a floresta e não só as árvores. Desenvolvimentos mais recentes levaram à ideia de uma *scalable reading* (Blake 2020), uma leitura escalonada que pode ir de próxima a distante. Assim, a história digital, os estudos literários digitais e *Poésie Grande Guerre* se beneficiaram desse jogo de escalas para evitar cânones mas, ao mesmo tempo, a percepção da necessidade de evitar cânones veio do processo de construção da base de dados e da visão geral que ela permitiu: se a prática prosopográfica se consolidou na historiografia da Primeira Guerra mundial desde sua configuração social, ela não tinha se expandido à interface entre história e literatura devido ao foco dessa última em vozes singulares.

Entretanto, a visão geral não foi a única contribuição da história digital para esse projeto. O processo de construção da base de dados também informou a visão de poesia delimitada acima (a poesia como uma categoria social, que transcende não só o valor literário mas, às vezes, os textos em si). Para construir a base, o seguinte modelo foi elaborado:

- Três tabelas: Indivíduos, Produções Literárias e Estados de Serviço Militar.
- A chave que liga as três tabelas é o identificador individual, que é designado a cada poeta individual na tabela “Indivíduo” e vira um registro no atributo “Id\_Poeta” nas tabelas “Produção” e “Estado de Serviço”.

Para resumir, a principal forma de identificação, que mais tarde une poeta, poema e experiência de guerra, corresponde a um indivíduo, ou seja, um poeta. Assim, o processo de construção de *Poésie Grande Guerre* demonstrou que uma análise das práticas poéticas da Primeira Guerra mundial deve sempre partir dos poetas. Em termos práticos, isso significa que o primeiro passo do projeto após a criação do modelo de dados foi o estabelecimento de uma lista de poetas. Contudo, o valor heurístico dessa construção vai muito além. Partir dos poetas significa que a definição de poesia deve ser social: é poesia tudo aquilo que é escrito por poetas, e é poeta todo indivíduo socialmente reconhecido como tal. Essa definição social é de extrema importância para um trabalho que investiga a poesia do século XX. Com efeito, na segunda metade do século XIX, a poesia se tornou cada vez mais difícil de definir: a crise dos versos anunciada pelo poeta Stéphane Mallarmé e o poema em prosa popularizado por Charles Baudelaire liberaram a poesia da forma

---

---

versificada e a tornaram mais difícil de reconhecer textualmente. Partir do poeta evita a discussão (comum, mas nem sempre útil) sobre o que é ou não um poema depois da Belle Époque. Essa liberação da poesia de sua forma versificada vai, contudo, além e se torna uma liberação do texto em si, que é particularmente relevante no contexto da Primeira Guerra mundial. Ao considerar os poetas reunidos na *Anthologie des écrivains morts à la guerre* (que são também os poetas comemorados nos muros do Panthéon), bem como as necrologias dos poetas publicadas durante a guerra, constata-se que muitos deles não escreveram poemas de guerra e sequer haviam publicado seus poemas dos tempos de paz. Um dos elementos recorrentes dessas necrologias é a homenagem rendida a poetas mortos jovens demais, promessas literárias que a guerra ceifou antes que elas pudessem ser cumpridas. Charles Péguy, um dos raros poetas franceses a serem diretamente associados à Primeira Guerra mundial devido a sua morte na Batalha da Marne em setembro de 1914, é provavelmente o mais famoso dos “poetas de guerra sem poema de guerra”: Péguy morre sem publicar sobre a guerra em curso e seus poemas que falam sobre soldados franceses e alemães são referentes à Guerra Franco-Prussiana de 1870-71. Mas Péguy é apenas um entre as centenas de “poetas de guerra sem poemas de guerra”. O processo de construção da base de dados, que faz do poeta o vínculo entre poemas e experiência militar, associa o estudo da poesia à documentação do percurso de poetas, permitindo assim o estudo daqueles que são honrados como poetas de guerra mesmo sem ter escrito sobre ela, um fenômeno típico da Grande Guerra mas que estudos analógicos, dependentes da leitura próxima de textos, não nos deixavam enxergar.

Apesar desses grandes momentos de influência da história digital na abordagem da história poética da Primeira Guerra mundial que ocorreram durante a construção da base dados, uma terceira e importante mudança ocorreu em 2019, quando os dados foram disponibilizados online. Assim, *Poésie Grande Guerre* passou de um projeto de história digital a um projeto de história pública digital. Com efeito, de acordo com Shawn Graham (2013), os meios digitais tornam toda história pública, além de usar a multimodalidade para engajar o público com um passado que é também multimodal (Rosenzweig e Brier 1994). A partir do momento em que a base se tornou pública, as fontes de informação se multiplicaram, pois os usuários da base, que constituíram uma comunidade ativa no *Twitter* (agora *X*), passaram a reagir a cada novo poeta integrado à base, corrigir informações errôneas e ainda sugerir novos nomes: dezenas de poetas foram descobertos graças a sugestões de usuários no *Twitter*. Assim, além dos esforços de *Poésie Grande Guerre* para encontrar fontes complementares e não aceitar cânones acriticamente, a colaboração dos usuários contribuiu para diversificar ainda mais o *corpus*. Se um dos grandes desafios dos historiadores da Primeira Guerra mundial em 2019 foi a manutenção do debate efervescente dos quatro anos anteriores,

---

---

mantido pela comemoração, a publicação de *Poésie Grande Guerre* marcou não o fim de um ciclo, mas sim o início de uma série de debates entre usuários e pesquisadoras.

Logo, o projeto fez parte de um fenômeno que, segundo Axel Bruns (2008), marcou o Web 2.0: a transição da divisão entre produção e utilização de conteúdos para uma combinação dos dois, que Bruns chama de “*produsage*” (um amálgama dos termos em inglês “production” e “usage” – produção e utilização). Se a pesquisa de Bruns se aplica a plataformas mantidas por seus usuários como a *Wikipedia*, o caso de *Poésie Grande Guerre* também pode ser lido em termos de “*produsage*”. A base de dados não é uma plataforma Wiki, ou seja, os usuários não podem incluir e editar dados livremente, pois a alimentação da base se faz por um *back-office* em Wordpress protegido por senha, ao qual somente pesquisadoras associadas têm acesso. Não obstante, a escolha de fazer um anúncio público a cada novo poeta descoberto, bem como de compartilhar dúvidas e contar com a expertise de outros historiadores, genealogistas e pesquisadores amadores no antigo *Twitter*, que são citados como fontes na base, *Poésie Grande Guerre* se engajou a dar voz a toda a sua comunidade, e não apenas às pesquisadoras. Assim, apesar de “*produsage*” ser uma característica da Web 2.0 (cuja marca é precisamente a criação difusa de conteúdo), *Poésie Grande Guerre* faz parte de uma tendência da Web 3.0, onde essa *produsage* passa pelas redes sociais e pelo diálogo, se estendendo até a produção de conteúdo científico. Além da sugestão de novos nomes, uma das grandes dificuldades do projeto era a utilização de fontes regimentais (regimentos dos quais nenhum das pesquisadoras de *Poésie Grande Guerre* era especialista) para documentar percursos individuais de poetas. O diálogo nas redes sociais, que envolveu alguns historiadores amadores que pesquisam com grande profundidade os regimentos de suas regiões natais ou de seus antepassados, forneceu um nível de informação que teria sido impossível obter sobre os 450 regimentos de poetas combatentes sem esse etos colaborativo.

Essa colaboração e “*produsage*” se mostraram fundamentais em 2020 e 2021, não só por ter mudado a visão da poesia, fornecendo informações minuciosas ou ainda ajudado a descobrir novos nomes de poetas. Durante a pandemia de Covid-19, que obrigou arquivos e bibliotecas a fecharem suas portas, a colaboração permitiu à base de continuar sendo alimentada. Com efeito, muitos usuários de *Poésie Grande Guerre* usam a base para fomentar suas práticas de bibliofilia e coleção de livros de guerra. Esses usuários se prontificaram a fotografar suas coleções de coletâneas de poemas para que a base pudesse continuar a crescer mesmo com o fechamento da *Bibliothèque nationale de France* (o principal acervo onde se encontravam as fontes poéticas do projeto). Dada a facilidade com a qual se estabeleceu essa generosa prática de troca de fontes digitalizadas entre usuários e pesquisadoras do projeto, ela se perpetuou após a reabertura das bibliotecas, e *Poésie Grande Guerre*

---



---

continua recebendo versões digitais de livros que são tão raros (e anti-canônicos) que não estão disponíveis na Biblioteca Nacional.

Em conclusão, as características da história digital que se manifestaram em *Poésie Grande Guerre* foram determinantes não só para que o projeto alcançasse seus objetivos, mas também para defini-los. O processo de construção da base de dados levou a um trabalho com um *corpus* de textos em oposição a um cânone, o que revolucionou a abordagem da poesia da Primeira Guerra mundial. Com efeito, a abordagem *big data* mudou não só o “como” abordamos esse corpus, mas também as questões de pesquisa que orientam essa abordagem: a tese de doutorado *Sous le feu. Fonctions et usages de la poésie de la Grande Guerre*, por exemplo, defendida pela autora em 2023, lançou mão da grande quantidade de textos descobertos por *Poésie Grande Guerre* para propor uma abordagem da poesia de guerra em termos do que ela fazia por aqueles que a escreviam nas trincheiras. A base de dados permite uma confluência entre questionamentos de história cultural e de história social, pois ela se funda numa convergência entre prosopografia e análise literária, podendo assim juntar dois polos historiográficos que ficaram durante muito tempo separados na historiografia francesa da Primeira Guerra mundial: os historiadores culturais do *Historial de la Grande Guerre* e os Historiadores Sociais do *Collectif de Recherche International et de Débat sur la guerre de 1914-1918*. Além disso, a estrutura física do modelo de dados tirou das sombras um fenômeno típico da Grande Guerra: o poeta de guerra sem poema de guerra. Por fim, todo esse processo de distanciamento dos cânones e de diversificação das vozes poéticas da Primeira Guerra mundial se coroa pela “*produsage*” dos dados da base. Assim, a história digital contribuiu a desafiar cânones poéticos durante e após as comemorações do centenário da Primeira Guerra mundial e dessa maneira reconciliar duas velhas amigas que, apesar de unidas na Antiguidade, haviam sido separadas durante, ao menos, um século de historiografia da Grande Guerra: História e poesia de guerra.

### **Considerações finais**

Além de suas importantes contribuições para a historiografia da Primeira Guerra mundial e para tirar do esquecimento um importante corpus de textos poéticos que fora, até então, excluído da periodização literária francesa, *Poésie Grande Guerre* fez emergir importantes considerações sobre a história pública, sobre as humanidades digitais e sobre as práticas e condições tecnológicas que possibilitaram a construção da base de dados. Durante o centenário, a história cultural da Grande Guerra consolidou sua expansão em direção a uma abordagem transnacional e interdisciplinar que incorpora a história digital e a interação com o público na web e, principalmente, nas redes sociais. Assim, o presente artigo insiste no fato que *Poésie Grande Guerre* não poderia existir (ou sequer ser concebido) sem os desenvolvimentos tecnológicos que caracterizaram o centenário da Primeira

---

Guerra mundial. Por outro lado, sem as características que *Poésie Grande Guerre* compartilha com grande parte dos projetos de história digital (principalmente a *produsage* e o foco em grandes quantidades de dados), essa nova visão da poesia (que evita a canonização e prioriza uma interpretação da poesia como categoria social e prática culturalmente compartilhada), que a reconcilia com a História, não seria possível.

Essas preocupações não são, finalmente, tão diferentes das questões que inspiravam alguns dos poetas do *corpus* de *Poésie Grande Guerre*, principalmente aqueles que eram próximos das vanguardas artísticas. Em 1910, por exemplo, Guillaume Apollinaire escreveu: “*Quand il eut assemble les membres de l’ascèse/ Comme ils étaient sans nom dans la langue française/ Ader devint poète et nomma l’avion*”<sup>2</sup>. Ao afirmar que o pioneiro da aviação Clément Ader se comportou como um poeta para dar nome à sua invenção, Apollinaire insiste no fato que a poesia e a tecnologia são próximas: as duas pertencem ao domínio da criação. O presente artigo mostrou que poesia e tecnologia, principalmente a história digital, estão ligadas também pois elas fornecem um vocabulário e um conjunto de práticas para interpretar dar sentido e tirar das sombras fenômenos que não poderiam ser compreendidos sem elas. Heidegger confirma: “*Techne belongs to bringing-forth, to poiesis; it is something poietic*” (Heidegger 1977, 13).

### Referências bibliográficas

- Æschimann, Paul. “La Poésie”. Em *Vingt-Cinq Ans de Littérature Française : Tableau de La Vie Littéraire de 1897 à 1920*. Tome 1 : La Poésie, La Philosophie, Le Théâtre, Les Essayistes, La Critique Des Journaux et Des Revues, Le Roman, l’évolution de La Langue et Du Style, Bibliographies de La Poésie, Du Théâtre et Du Roman. Eugène Montfort, 1–68. Paris: Librairie de France, 1925.
- Audoin-Rouzeau, Stéphane. *14 - 18, Les Combattants Des Tranchées : À Travers Leurs Journaux*. Paris: Armand Colin, 1986.
- Audoin-Rouzeau, Stéphane. *Cinq deuils de guerre, 1914-1918*. Paris: Noesis, 2001.
- Audoin-Rouzeau, Stéphane, e Annette Becker. *14 - 18. Retrouver La Guerre*. Paris: Gallimard, 2000.
- Beaupré, Nicolas. *Écrits de Guerre*. Paris: CNRS Éditions, 2006.
- Beaupré, Nicolas. “La guerre comme expérience du temps et le temps comme expérience de guerre, Hypothèses pour une histoire du rapport au temps des soldats français de la Grande Guerre”. *Vingtième Siècle. Revue d’histoire*, n. 117 (2013): 166–81.
- Beaupré, Nicolas. “Poésie Du Temps de Guerre”. In *La Grande Guerre Dans Tous Les Sens*, por Centre International de Recherche de l’Historial de la Grande Guerre, 67–91. Paris: Odile Jacob, 2021.
- Becker, Annette. *Apollinaire. Une Biographie de Guerre. 1914 - 1918 - 2009*. Paris: Éditions Tallandier, 2009.

<sup>2</sup> “Quando ele reagrupara os membros da ascese/ Como eles não tinham nome na língua francesa/ Ader se tornou poeta e deu nome ao avião”.

Blake, Julie Vanessa. “What Did the National Curriculum Do for Poetry? Pattern, Prescription and Contestation in the Poetry Selected for GCSE English Literature 1988-2018.” Apollo - University of Cambridge Repository, 2020.

Bruns, Axel. *Blogs, Wikipedia, Second Life, and beyond: From Production to Producersage*. New York: P. Lang, 2008.

Campa, Laurence. *Poètes de La Grande Guerre. Expérience Combattante et Activité Poétique*. Paris: Éditions Classiques Garnier, 2010.

Carel, Marion, e Dinah Ribard. “Témoigner en poésie”. *Poétique*, n. 179 (2016): 39–55.

Clavert, Frédéric. “Échos du centenaire de la Première Guerre mondiale sur Twitter”. *Matériaux pour histoire de notre temps*, 3, n. 121-122 (2016): 18–25.

Collonges, Julien, e Tatiana Victoroff, eds. *La Lyre et les Armes Poètes en guerre: Péguy, Stadler, Owen, etc.* General and comparative literature, n. 30 em Rencontres 401. Paris: Classiques Garnier, 2019.

Compagnon, Antoine. *Le démon de la théorie. Littérature et sens commun*, Paris: Seuil, 1998.

Cru, Jean Norton. *Témoins: Essai d'analyse et de Critique Des Souvenirs de Combattants Édités En Français de 1915 à 1928*. Nancy: Presses Universitaires de Nancy, 1993.

Ducasse, André, Jacques Meyer, e Gabriel Perreux. *Vie et mort des français, 1914-1918; simple histoire de la grande guerre*. Paris: Hachette, 1959.

Einhaus, Ann-Marie. “Modernism, Truth, and the Canon of First World War Literature.” *Modernist Cultures*, 6, n. 2 (2011): 296–314.

Graham, Shawn. “The Wikiblitiz: A Wikipedia Editing Assignment in a First Year Undergraduate Class”. Em *Writing History in the Digital Age*, editado por Jack Dougherty and Kristen Nawrotzki, 2013.

Heidegger, Martin. “The Question Concerning Technology”. Em *The Question Concerning Technology and Other Essays. Translated and with an Introduction by William Lovitt*, 3–35. New York & London: Garland Publishing, 1977.

Higgins, Ian. *Anthology of First World War French Poetry*. Glasgow: University of Glasgow French and German publications, 1996.

Jenny, Laurent. *La Parole Singulière*. Paris: Belin, 1990.

Julien, Élise. “À propos de l'historiographie française de la première guerre mondiale”. *Labyrinthe*, n. 18 (2004): 53–68.

Lucchesi, Anita. “História e Historiografia Digital. Diálogos Possíveis”. Apresentação feita no XXVII Simpósio Nacional de História (ANPUH), Natal, Brasil, julho de 2013.

Lucchesi, Anita. “Conversas na antessala da academia: o presente, a oralidade e a história pública digital”. *História Oral*, 1, n. 17 (2014): 39–69.

Moretti, Franco. *Graphs, Maps, Trees: Abstract Models for a Literary History*. Londres/Nova York: Verso Books, 2005.

Moretti, Franco. *Distant Reading*. Londres/Nova York: Verso Books, 2013.

Mosse, George L. *De La Grande Guerre Au Totalitarisme. La Brutalisation Des Sociétés Européennes*. Paris: Hachette Littératures, 1999.

Parenteau, Olivier. *Quatre poètes dans la Grande Guerre: Guillaume Apollinaire, Jean Cocteau, Pierre Drien la Rochelle, Paul Éluard*. Situations. Liège: Presses Universitaires de Liège, 2014.

---

Poésie Grande Guerre, “Poésie Grande Guerre”. 2019.

Pollock, Griselda. *Differencing the Canon: Feminism and the Writing of Art's Histories*. Routledge, 2013.

Prost, Antoine, e Jay Winter. *Penser La Grande Guerre. Un Essai Historiographique*. Paris: Éditions du Seuil, 2004.

Rosenzweig, Roy e Steve Brier. ‘Historians and Hypertext: Is It More than Hype?’ *Perspectives on History* | *AHA*, n. 1 (1994).

Trevisan, Carine. *Les Fables Du Deuil. La Grande Guerre : Mort et Écriture*. Paris: Presses Universitaires de France, 2001.

University of Oxford. “The First World War Poetry Digital Archive”, 2009.

Winter, Jay. *War beyond Words: Languages of Remembrance from the Great War to the Present*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

\*\*\*

Recebido: 19 de dezembro de 2023

Aprovado: 16 de abril de 2024